

O sonho da Rio+20

Ricardo Abramovay

Folha de S.Paulo, 27.3.2012

Os documento iniciais da ONU e o do Brasil para a Rio+20 cultivam o mito do crescimento econômico perpétuo de forma completamente acrítica

Não é trivial que 21 cientistas de várias partes do mundo, muitos deles com um passado de importantes responsabilidades governamentais, iniciem um manifesto com a célebre frase de Luther King: nós temos um sonho.

Menos trivial ainda é que esses cientistas tenham a humildade de reconhecer que a habilidade humana de fazer foi além da capacidade humana de compreender. A civilização contemporânea vive a explosiva combinação de evolução tecnológica rápida e evolução ética e social lenta.

Essas são apenas algumas das ideias expressas pelos ganhadores de uma espécie de Nobel do Meio Ambiente (O Prêmio Planeta Azul, que existe desde a Rio-92), entre os quais José Goldemberg, ex-reitor e professor da USP.

O sonho revelado em seu texto ("Meio ambiente e os desafios do desenvolvimento: o imperativo da ação") é fundamental por se distanciar em ao menos dois pontos do pesadelo representado tanto pelo documento inicial da ONU para a Rio+20 (conhecido como "draft zero") como pela própria contribuição brasileira à conferência.

O primeiro ponto é a constatação de que o uso dos recursos materiais, energéticos e bióticos por parte do sistema econômico já compromete a qualidade da vida social em ao menos três áreas, como mostra o estudo publicado na revista "Nature" pelo grupo liderado por Johan Rockstrom: mudanças climáticas, biodiversidade e ciclo do nitrogênio.

Em outras seis áreas (acidificação dos oceanos, água, uso do solo, poluição, aerossóis e ciclo do fósforo), a ameaça é imensa.

Por esta razão, e apoiado em ciência, o documento denuncia o "mito do crescimento econômico perpétuo adotado entusiasticamente por políticos e economistas para evitar decisões difíceis".

O "draft" da ONU e o documento brasileiro para a Rio+20 cultivam este mito de forma totalmente acrítica.

Fazem isso, segundo ponto, sob o argumento de que a economia verde será capaz de compatibilizar o tamanho do sistema econômico, sempre maior, com os recursos limitados dos ecossistemas.

Os dados não corroboram esta fé na técnica. É essa a razão pela qual os cientistas do Prêmio Planeta Azul dela se distanciam.

Mas não apenas eles: documento da consultoria KPMG divulgado recentemente mostra que cada dólar do PIB global de 2011 foi obtido com 21% a menos de emissões de gases de efeito estufa e 23% a menos de materiais que em 1990.

É um progresso extraordinário, que mostra o potencial da economia verde. No entanto, a produção e o consumo aumentaram tanto que, apesar dessa queda por

unidade de produto, a extração global de materiais da superfície terrestre se elevou, nos últimos vinte anos, 41%. As emissões aumentaram 39%.

O caso mais preocupante é o dos fertilizantes nitrogenados, cujo uso aumentou globalmente 135% nos últimos vinte anos, três vezes mais que a produção alimentar.

Sistemas de inovação voltados para a sustentabilidade são fundamentais. Mas achar que eles permitirão suprimir os limites é exprimir uma crença mística no poder da técnica que a ciência não autoriza e a ética não recomenda.